

SEXUALIDADE, GÊNERO E EDUCAÇÃO: ampliando os olhares

Autor (1): Tatiane Pina Santos¹; Coautor (1): Claudia Suely Barreto Ferreira²; Coautor (2): José Andrade Almeida Junior³; Coautor (3); orientador (1): Maria José Souza Pinho⁴

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB/ DEDC/ CAMPUS VII, tatianepina_enf@hotmail.com

Resumo

Estudo de cunho bibliográfico que discute epistemologicamente, a forma de abordagem da temática gênero e sexualidade nas escolas. Foi desenvolvido, através da revisão sistemática de literatura, tendo como descritores as palavras-chave: sexualidade, gênero e contexto escolar, com a delimitação de tempo dos artigos revisados de 2012 a 2017. A partir desta perspectiva, foi possível a demarcação do campo teórico e subsequente problematização no que tange as relações estabelecidas no âmbito escolar. Neste contexto tornou-se perceptível que as relações estabelecidas neste ambiente são complexas, diversas e por assim ser, com potencial para se tornarem inclusivas e socialmente integradas. Refletir sobre os aspectos supracitados conduziu-nos a avaliar várias questões históricas e culturais aceitas como ‘únicas verdades’ no campo sócio-cultural e, conseqüentemente, instituídas pela escola, um dos principais veículos de construção do conhecimento. É necessário reconhecer que a escola não está neutra, ela participa da construção da identidade de gênero, o que é feito de forma desigual. E essa construção inicia-se desde as primeiras relações da criança no ambiente coletivo da educação infantil. Desse modo, discutir as questões de gênero, sexualidade na educação, significa resignificar as relações das práticas educacionais cotidianas, desconstruindo e redescobrimo significados, sobretudo questionando conceitos pré-concebidos, determinações que sutilmente permeiam nossas práticas e, sobretudo discutindo as relações de gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Educação.

Introdução

A existência das dicotomias de gênero masculino e feminino em nossa sociedade, principalmente no âmbito discursivo, não é algo difícil de ser observado. Entretanto, o que muitas vezes parece prevalecer é a ideia de que a divisão entre o feminino e o masculino seria algo natural como se já fosse pré-determinado.

A escola encontra-se aqui como um importante cenário de análise da reprodução destas dicotomias, uma vez que nela a constituição dos sujeitos, segue atravessada pelas relações de

¹ Mestranda em Educação e Diversidade. Docente da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus VII - Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil. E-mail: tatianepina_enf@hotmail.com

² Mestre em Saúde Coletiva. Especialista em Enfermagem do Trabalho. Docente da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus VII - Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil. E-mail: claudiasuelyferreira@gmail.com.

³ Graduando do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus VII - Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil. E-mail: andrade.junior320@gmail.com

⁴ Doutora em Educação. Docente da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus VII - Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil. E-mail: mjpinho@uneb.br

gênero e pelas constantes disputas de poder. A temática da sexualidade está presente nos meios de comunicação, nas discussões sociais, nas músicas, nos filmes e nas relações familiares.

O nosso propósito neste ensaio é discutir gênero e sexualidade nas escolas, mais especificamente, de que forma estas temáticas são trabalhadas no ambiente escolar. Buscamos através da revisão bibliográfica, demarcar o campo teórico e problematizar as relações estabelecidas entre sexualidade, gênero e contexto escolar, assim como propor a visualização do ser humano como sexuado, complexo, diverso e socialmente integrado. A partir deste campo situaremos nossa discussão, cuja reflexão sobre os aspectos supracitados conduziu-nos a avaliar várias questões históricas e culturais aceitas como ‘únicas verdades’ no campo sócio-cultural e, conseqüentemente, instituídas por um dos principais veículos de construção do conhecimento, a escola.

Metodologia

Este estudo trata-se de uma revisão integrativa, que é definida como pesquisa de dados secundários em que determinado assunto é sumarizado, permitindo-se obter conclusões gerais devido à reunião de vários estudos. Sendo assim, adotou-se as seguintes etapas: elaboração da questão de pesquisa, amostragem ou busca na literatura de estudos primários, seleção dos estudos, extração de dados dos estudos, avaliação dos estudos incluídos na revisão, análise e síntese dos resultados da revisão e apresentação da revisão integrativa. (BREVIDELLI).

As pesquisas ocorreram por meio de consultas realizadas, avaliando os títulos e resumos, previamente selecionados e após a primeira análise os artigos selecionados foram lidos na íntegra pela pesquisadora e aqueles que não atenderam aos critérios de inclusão foram excluídos. Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos originais, em português, relacionados à gênero, sexualidade no contexto escolar. Os critérios de exclusão para este trabalho foram: estudos que fugiam ao tema escolhido e artigos que não estivessem disponíveis em sua versão completa, sendo a base de dados o scielo.

Resultado e Discussão

Em seu total foram encontrados 12 artigos que após serem selecionadas respeitando-se os critérios de inclusão e exclusão totalizaram 4.

Na tabela a seguir foram dispostos os artigos encontrados nesta revisão, de acordo com os autores, objetivos e resultados.

Tabela 1: Autor (es), ano, objetivo e resultados dos estudos utilizados.

Autor (es), ano	Objetivo do estudo	Resultados
ANDRES <i>et al</i> , 2016.	Analisar como estudantes e supervisoras participantes do subgrupo Educação Física do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Santa Maria compreendem temas afetos às relações de gênero e de sexualidade.	Evidenciou-se lacunas presentes na formação de docentes, sobretudo, aquelas que promovem uma maior integração com o conhecimento apreendido na universidade e as suas respectivas práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar.
Gesser <i>et al</i> , 2012.	Identificar as contribuições teórico-metodológicas da Psicologia Escolar e áreas afins voltadas à formação de professores, para lidar com as questões relacionadas a gênero e sexualidade no contexto escolar.	Destaca-se a necessidade de o processo de formação de professores ser norteado por uma compreensão de que a sexualidade não deve ser entendida como dissociada da vida.
Wenetz <i>et all</i> , 2013..	Compreender como são atribuídos significados de gênero que constituem modos diferenciados de ser menino ou menina no espaço do recreio de uma escola pública de Porto Alegre, no Brasil.	Percebeu-se que existe uma ocupação dos espaços do pátio da escola segundo o gênero, que inclui diferentes maneiras de ocupação e negociação configurando uma geografia do gênero. Também observou-se uma construção da sexualidade na escola, na qual a homossexualidade é circunscrita em detrimento da norma da heterossexualidade.
Sfenner, 2013.	Analisar desafios que se colocam quando se busca modificar os	Evidencia-se que as ações escolares parecem querer valorizar a diversidade sem tocar no estatuto da heteronormatividade, o que

regimes de desigualdade na escola em relação a atributos de gênero e sexualidade.	compromete seu alcance.
---	-------------------------

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Gênero e sexualidade na escola

Nossa trajetória de vida é marcada por muitos acontecimentos históricos, sociais, culturais e políticos. A cada dia transformamos o meio onde vivemos a partir dos nossos atos. Através das lutas pelos direitos sociais de igualdade passamos a perceber novas visões a respeito da questão de gênero, porém ainda permanece em algumas pessoas o olhar preconceituoso e ignorante sobre a equidade de gênero entendida aqui como a igualdade, o respeito entre homens e mulheres.

As identidades de gênero e sexuais são construídas em diferentes espaços sociais criando hierarquias e obedecendo uma lógica de diferenciação que reforça a naturalização da dominação. Louro (2007) afirma que a escola e o currículo, através de múltiplas práticas materiais, de símbolos e códigos, delimitam os espaços, determinam o que deve e o que não deve ser feito e o tempo específico para as coisas, criando, a partir de uma matriz heterossexual, os padrões de normalidade, reforçando a ideia de uma essência natural, elaborando uma forma original para os sujeitos.

As relações de gênero e a produção das sexualidades integram os desafios educacionais contemporâneos cuja visibilidade se fez notar desde o momento em que passaram a integrar os temas transversais sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, mais especificamente sob a denominação de Orientação sexual, a qual foi organizada a partir de três eixos temáticos: “Corpo: matriz da sexualidade”, “Relações de Gênero” e “Prevenção de DST’s/AIDS” (BRASIL, 1997, p. 316).

Tais orientações demandaram ações específicas na intervenção docente, seja na participação e promoção de debates, na qualificação de estudos específicos e na elaboração de estratégias didático-pedagógicas que colocaram em cena as diferenças e a pluralidade humanas, produzindo e reafirmando conhecimentos e orientações que focaram uma educação voltada para a diversidade.

Formação docente:

Percebe-se que o educador ocupa, na política educacional brasileira, um lugar central no trabalho de educação sexual na escola. Ressalta-se, contudo, que, quando se trata de discutir como deve ser o processo de formação de professores para atuar com a temática da sexualidade no âmbito escolar, não se pode esquecer que os professores se constituíram sujeitos num contexto marcado pela hegemonia de concepções biomédicas ou morais e religiosas acerca de gênero e sexualidade

(Yared, 2011). Diante disso, cabem alguns questionamentos: até que ponto se pode esperar que os educadores detenham todas as competências explicitadas pelos PCN como importantes no trabalho de educação sexual? Como esperar que o educador, que se constituiu sujeito a partir de valores morais, religiosos e/ou biomédicos, faça um trabalho de educação sexual problematizador e voltado à desconstrução de preconceitos de gênero?

Campos (2004) aponta a necessidade de se pensar o processo de formação de professores como um espaço em que estes possam não somente ter contato, mas também refletir sobre os subsídios que ancoram as políticas educacionais voltadas à sexualidade. O autor destaca que, como os professores não apenas aplicam, mas reinterpretam as diretrizes curriculares que lhes são apresentadas a partir de suas próprias leituras de mundo, é necessário que haja uma reflexão coletiva sobre suas práticas, voltada ao desenvolvimento tanto do ensino quanto de si mesmos como profissionais.

Neste momento, propor-se-á que o processo de formação de professores nas questões relacionadas a gênero e sexualidade deve ser pautado em uma perspectiva ético-política de sexualidade e de educação inclusiva. Tal perspectiva aponta para o rompimento das cisões⁵ entre objetividade e subjetividade, razão e emoção (Leite & Tassoni, 2002; Molon, 2003; Sawaia, 2005), subvertendo a racionalidade instrumental que reduz o sujeito professor à dimensão da cognição e opera com a expectativa de que os conhecimentos disponibilizados sejam assimilados por eles e transformados em ações “corretas” às expressões relacionadas à sexualidade na sala de aula. Ademais, ao se referenciar à perspectiva inclusiva da educação (Figueiró, 2009), reafirmam-se os princípios de igualdade na diferença e o acolhimento de todas as manifestações relativas à sexualidade. Ressalta-se que uma formação ético-política voltada à temática “sexualidade” deve contribuir para que os educadores não apenas se instrumentalizem cognitivamente, mas também recriem o modo como lidam com as expressões da sexualidade que emergem no cotidiano escolar.

Considerações finais

Que pode fazer um só indivíduo, de efeito na história? Pode realizar alguma coisa de importante com sua maneira de viver? Pode indubitavelmente. Vós e eu não podemos, é verdade, sustar as guerras imediatas ou criar uma instantânea compreensão entre as nações; mas pelo menos podemos suscitar, no mundo de nossas relações diárias, uma básica e efetiva transformação. (KRISHNAMURTI, 1994).

⁵ A tradicional visão dualista do homem como corpo/mente, matéria/espírito, afeto/cognição, presente na trajetória do pensamento e do conhecimento há muitos séculos, tem se manifestado em estudos sobre o comportamento a partir de uma visão que cinde racional e emocional, pressupondo-se, geralmente, que o primeiro deveria dominar o segundo, impedindo uma compreensão da totalidade do ser humano (Leite & Tassoni, 2002).

A epígrafe acima reflete nossa crença nas transformações das relações sociais de gênero com o combate efetivo às relações sexistas, e à heteronormatividade, produtores de desigualdades e discriminações. Reconhecemos na educação um caminho que potencializa mudanças individuais e coletivas capazes de fazer emergir dos subterrâneos os “corpos que não importam”, os “corpos estranhos”, gendrados, portanto, marcados, que metem cunhas nas brechas do saber instituído, abalando assim as estruturas que sustentam o sexismo e todas as formas de exclusão social. Porém, sabemos que a educação não é a panaceia para todos os problemas sociais, pois, sozinha, não conseguirá promover as mudanças necessárias para a criação de uma sociedade igualitária e libertária.

É necessário desconstruir a lógica binária na apresentação do mundo para as crianças: enquanto os brinquedos e brincadeiras estiverem sendo associados a significados masculinos e femininos, que hierarquizam coisas e pessoas, apresentando a meninos e meninas significados excludentes. Desse modo, discutir as questões de gênero, sexualidade na educação, significa discutir relações das práticas educacionais cotidianas e formação docente, desconstruindo e redescobrimo significados.

Referências Bibliográficas

1. BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF, 1997.
2. BREVIDELLI, M. M, Sertório SCM. **TCC-Trabalho de conclusão de curso**: guia prático para docentes e alunos da área de saúde. 4 Ed. São Paulo, 2010.
3. LEITE, S. A. da S., & TASSONI, E. C. M. (2002). **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. Em R. G.Azzi & A. M. de A. Sadalla (Orgs.), Psicologia e formação docente: desafios e conversas. São Paulo, Casa do Psicólogo.
4. KRISHNAMURTI. **A educação e o significado da vida**. Editora Cultrix, 6ª Ed. São Paulo, 1994.
5. LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
6. MOLON, S. I. (2003). **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis, RJ: Vozes.
7. SAWAIA, B. B. (2005). **O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão**. Em B. B. Sawaia (Org.), As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética dandesignalidade social (4a ed., pp. 97-118). Petrópolis, RJ: Vozes.